



Abordagem Experiencial, Observação Incorporada ... e *DEPOIS* ...

Paulo Afonso Rheingantz

Novembro 2022

FAP 715-815 Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído

Questão de Fundo

O trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente alguma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por demônios. Pedras, plantas e animais já não têm vozes para falar ao homem e o homem não se dirige a eles na presunção de que possam entendê-lo. Acabou-se o seu contrato com a natureza e, com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava.

Carl JUNG, 1987: 95

Primeiras experiências com APO: Mestrado e Doutorado (1)

Primeiras experiências com a Avaliação Pós-ocupação (APO):

- Interação com ('usuários') colaboradores – limitações dos instrumentos estruturados
- Experiências de campo – pesquisas de mestrado e de doutorado
- Porque construir edifícios e cidades de vidro, concreto e asfalto em pleno trópico?

Conclusão:

- rejeição aos princípios e recomendações da Arquitetura bioclimática e do bom desenho urbano resulta, em parte, da própria prática dos pesquisadores, arquitetos e urbanistas, segue prisioneira
“de uma racionalidade científica neutra, destinada a destruir o que não pode compreender e contra a qual deveriam ser defendidas as questões e as paixões que dão sentido à vida humana” (PRIGOGINE; STENGERS, 1992: 20).

Primeiras experiências com APO: Mestrado e Doutorado (2)

BUSCA DE UMA ARQUITETURA MAIS PREOCUPADA COM A SUBJETIVIDADE DAS COISAS VIVAS E SUAS PAIXÕES

Edward Allen (1982) – “os edifícios são o que esperamos deles” - e, também, os lugares urbanos

MAS O QUE, EXATAMENTE, OS HABITANTES [HUMANOS E NÃO-HUMANOS] ESPERAM DOS EDIFÍCIOS E LUGARES?

‘Monumentos à Irracionalidade’ – abandono das origens e da finalidade ética da Arquitetura:

TORNAR A VIDA TERRENA MAIS CONFORTÁVEL PARA OS SERES TERRESTRES

SEM COLOCAR EM RISCO SUA PRÓPRIA SUBSISTÊNCIA E DO PRÓPRIO PLANETA

QUESTÃO DE INTERESSE:

- entender os modos como as pessoas vivenciam, utilizam e traduzem os lugares e ambientes em seu cotidiano
- percepção dos colaboradores contraditórias com critérios e normas de desempenho ambiental e sua pretensão de eliminar a subjetividade e ajustar a percepção dos humanos a padrões predeterminados

Eventos e Trabalhos APO: naturalizam ‘eficácia’, ‘neutralidade’ e ‘imparcialidade’ de argumentos e práticas

- privilegiam conjuntos de dados
- escritos diferem apenas pelos ‘objetos’ de ‘análise’
- acomodamento de pesquisadores de APO com argumentos originados [e naturalizados] há muitas décadas
- valorização de “precisão” e “objetividade” frequentemente confundidas com mérito ou rigor científico
- naturalizam crença na eficácia dos instrumentos, precisão e imparcialidade dos resultados, que “falam por si mesmas”
- invisibilizam a opinião e o conhecimento dos seus autores, que se contentam com um papel de meros aplicadores

“VIVER É CONHECER” (MATURANA; VARELA, 1995) – convite para explorar outros horizontes:

- resgata a experiência cotidiana e os “já saberes” (Paulo Freire) do observador durante a observação

BEHAVIORISMO, FENOMENOLOGIA E FÍSICA DO CONFORTO AMBIENTAL

- não atentam para as razões dos comportamentos, e para os valores e percepções dos colaboradores
- cruzamento dos resultados das medições com instrumentos não coincide com a avaliação dos colaboradores

DISCURSO CIENTÍFICO “CLASSICO” NÃO DÁ CONTA DA DINÂMICA E SUBJETIVIDADE DOS AMBIENTES EM USO

Inspirações que me acompanham desde o mestrado

Gregori Bateson (in Capra 1991: 61)

- Em minha vida, coloquei as descrições de pedras, paus e bolas numa caixa ... e as deixei ali.
Na outra caixa coloquei coisas vivas: caranguejos, pessoas, problemas sobre o belo

Boaventura Santos (1995):

- Nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional
- Ciência deve assumir seu *caráter autobiográfico e auto-referenciável*
- Mundo precisa ser contemplado, em lugar de controlado

Humberto Maturana (2001: 148)

- Alegações de objetividade e universalidade na ciência são afirmações morais e não ontológicas

Ronald Daivid Laing (in Capra 1991: 111)

- Olhe ao seu redor por um instante e veja, ouça, cheire e sinta onde você está. ... Sua consciência pode partilhar de tudo isso num único instante, mas você jamais conseguirá descrever tal experiência

.. QUALQUER EXPERIÊNCIA É INDESCRITÍVEL”

APOs pela COPPE + ProLUGAR

- RB1 [1994/96]: foco no bem-estar dos colaboradores
- BNDES [1997]: pesquisadores e colaboradores – “instrumentos de medição”
- CLINICA S. VICENTE [1998]: limites para desejos dos colaboradores
- CAp/UFRJ [1999]: [‘análise’] performance visual+ participação dos colaboradores
- INPI [2000]: inabilidade nas negociações em paralelo para mudança da sede desqualificou processo da APO
- Consultoria APO na DIRAC-FIOCRUZ [2001/2002]
- ProLUGAR [2002/...]: cognição experiencial ou performativa [*enaction*]
- CRECHE-FIOCRUZ [2004]: interação observador X colaboradores

EVIDENCIARAM QUE:

- Nunca conseguimos aplicar os instrumentos previamente elaborados sem ajustes e modificações
- Os habitantes apontam questões que nunca passam pela cabeça dos pesquisadores
- Fatores técnicos, funcionais e comportamentais não dão conta dessas questões e de sua subjetividade

Histórico da Abordagem Experiencial no ProLUGAR/GAE

- 1998 – nasce o ProLUGAR [Percepção e Qualidade do Lugar] estudos sobre percepção ambiental e APO
- 2003 – parceria com Rosa Pedro (qualificação de Monique Abrantes 2003)
- 2004 – leitura e discussão de *A Mente Incorporada* (Varela, Thompson e Rosch 2003)
- 2004 – artigo *De Corpo Presente* (Rheingantz 2004) – fundamentos da Abordagem Experiencial
- 2004 – nasce o GAE, grupo interinstitucional (UFRJ, UFF, UC-Petrópolis)
- 2004/2008 – dissertações (Abrantes, Penna 2004; Simões, Faria, Alvarenga, Rodrigues 2005); Sbarra (2006); e teses (Brasileiro 2007; Alcantara 2008) defendidas
- 2007/2009 – sistematização da Abordagem Experiencial e da Observação Incorporada, no livro eletrônico *Observando a Qualidade do Lugar* (Rheingantz, Azevedo, Brasileiro, Alcantara, Queiroz 2009)
- 2009/2021 – exploração dos entrelaçamentos da Abordagem Experiencial com os estudos CTS e com a ANT
Dissertações (Viana 2009; Angotti e Martins 2013) e Teses (Cavalcanti 2011; Carvalho 2014; Vargas 2015; Angotti 2019; Costa 2019; Sbarra 2020; Modler 2020) defendidas.

Psicologia Ambiental e Avaliação Pós-Ocupação

DESIGNAÇÕES AMBÍGUAS E IMPRECISAS

- Psicologia Ambiental – designação imprópria para um campo transdisciplinar sugere ser atribuição exclusiva dos psicólogos
- Avaliação Pós-Ocupação – conjunto de métodos de avaliação de desempenho do ambiente construído

NATURALIZAM MÚLTIPLAS ABORDAGENS, FUNDAMENTAÇÕES E ESTRATÉGIAS
METODOLÓGICAS QUE AS ESPECIFICAM COMO CAMPO DE PESQUISA

GT-APO/ANTAC: discussão esbarra na naturalização de entendimentos, fundamentos e procedimentos em 2 vertentes (behaviorismo e fenomenologia):

- APO como METODOLOGIA definida por um conjunto específico de instrumentos e procedimentos,
- APO como PROCEDIMENTO relacionado com o estudo do ambiente construído em uso.

Fatores de Interação / Culturais

FATORES DE INTERAÇÃO:

- resultado da APO do Edifício-Sede do BNDES
- nova categoria da APO, para dar conta das questões de interesse dos colaboradores (Rheingantz et al 1998)

PARCERIA COM VICENTE DEL RIO E CRISTIANE ROSE DUARTE (1999/2001)

- Cultura moldou biologicamente os humanos
- Circularidade da influência da cultura nas relações humanos X ambiente:
- Grupos humanos se adaptam e moldam seus ambientes
- Ambiente provoca alterações nas lógicas relacionais dos grupos

Humanos e AC = são produtores e produto da cultura

FATORES CULTURAIS:

- transformações das relações envolvendo *grupos humanos X AC*
- aspectos cognitivos, valores declarados/reais influenciados pela cultura e pelo uso

Fundamentos 1 – Humberto Maturana e Francisco Varela (1995)

Não é o conhecimento, mas o conhecimento do conhecimento o que nos compromete.

Não é saber que a bomba mata, e sim o que queremos fazer com a bomba que determina se a usaremos ou não.

“Conhecer nosso conhecer” – nosso mundo é construído COM OS OUTROS

ADEQUAÇÃO:

- é sempre uma apreciação na perspectiva do observador, e
- nunca a partir de um ponto ‘objetivo’ e independente do observador

Observador não ‘capta informações’: *PRODUZ E DESCREVE UM MUNDO*

NÃO É INDEPENDENTE DA REALIDADE

AVALIAÇÃO se produz no contexto relacional dos efeitos esperados

VIVER É CONHECER NO ÂMBITO DO EXISTIR

COMUNICAÇÃO depende do que acontece com o receptor; ela não depende daquilo que se fornece

NÃO EXISTE TRANSMISSÃO DE INFORMAÇÃO

LINGUAGEM essencial para experiência humana

PALAVRAS SÃO AÇÕES E NÃO COISAS QUE PASSAM DE LÁ PARA CÁ

Fundamentos 2 – Caminhos Explicativos de Maturana

Como viver é conhecer, explicar é sempre propor uma reformulação da experiência a ser explicada de uma forma aceitável para o observador

NA EXPERIÊNCIA, NENHUMA PROPOSIÇÃO EXPLICATIVA É EXPLICAÇÃO EM SI

CAMINHO DA OBJETIVIDADE SEM PARÊNTESES:

- realidade independente do observador: petição de obediência
- existência independe de a conhecer ou não

CAMINHO DA OBJETIVIDADE ENTRE PARÊNTESES:

- observador constitui a existência com suas operações de distinções
- fonte da realidade, responsável pelas suas explicações



Fundamentos 3 – Cognição Atuacionista/Performativa

Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003)

“é a atuação/performance de um mundo e de uma mente com base em uma história da diversidade de ações performadas por um ser no mundo”

NOSSOS CORPOS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS E EXPERIENCIAIS VIVIDAS:

algo ‘externo’ e ‘interno’ + biológico e fenomenológico

Visões dominantes na cognição supõem: “observador desincorporado” ou “mente desterrada”

- incluir experiência de vida e possibilidades de transformação [experiência]
- ampliar experiência cotidiana com *insights* e registros alinhados com as ciências da mente

CORPO: “estrutura experiencial vivida” + “contexto/mecanismos cognitivos”

Dissociação mente-corpo: PRODUTO DO HÁBITO

ATENÇÃO pode ser resgatada com treinamento de “bons hábitos”

MEDITAÇÃO BUDISTA: mente (pensar) e corpo (sentir) não são coordenados – EQUILÍBRIO P/PRÁTICA DA ATENÇÃO

Fundamentos 4 – Cognição Atuacionista/Performativa

Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003)

Temos personalidade, memórias, recordações, planos e antecipações voltados para um ponto central a partir do qual investigamos o mundo

PREOCUPAÇÃO:

- não busca determinar como um mundo independente do observador pode ser recuperado;
- busca ... determinar os princípios comuns ou ligações regradas entre os sistemas sensorial e motor, que
- explicam como a ação pode ser perceptivamente orientada em um mundo dependente do observador

Demanda método para investigar experiência, e diferenciar ESTAR e NÃO ESTAR presente

[CONSCIÊNCIA DA] REFLEXÃO – experiência que reúne mente e corpo

COGNIÇÃO NÃO É REPRESENTAÇÃO, mas atuação/performance [ação incorporada] de uma mente em um mundo com base na história das ações desse ser no mundo

PRESTAR ATENÇÃO NA EXPERIÊNCIA DE FORMA TÃO PRECISA E DESAPAIXONADA QUANTO POSSÍVEL



APO como *UMA* experiência vivenciada

“É no andar da carroça que as abóboras se acomodam” [dito popular]

EXPERIÊNCIA APONTA NOVOS CAMINHOS PARA A APO:

- **EXPLICAÇÃO:** experiência ou atuação ambiental de um observador que atua no processo de avaliação p/construir sua explicação.
- Fugir da armadilha que impede **DISTINGUIR A ILUSÃO DA PERCEPÇÃO** das afirmações cognitivas sobre a realidade observada
- **EM NOSSAS PRÁTICAS** nos valem de instrumentos e técnicas para explorar os processos cognitivos como comportamentos (heranças behaviorista e fenomenológica)
- para **DEPOIS** [e somente depois] relatar as descobertas de um ambiente externo a nós, o que possibilita
- esquecermos de **INCORPORAR** nossos **SENTIMENTOS E EMOÇÕES** produzidos durante a observação ou interação com o ambiente

EMOÇÃO: DISPOSIÇÕES CORPORAIS QUE FLUEM E ESPECIFICAM O DOMÍNIO DAS AÇÕES
CONSEQUENTEMENTE, TODO SISTEMA RACIONAL TEM FUNDAMENTO EMOCIONAL

Crenças a superar: objetividade sem parêntesis

Humberto Maturana (2001)

Falsa autocompreensão humana nos impede de aceitar nossa experiência de vida como atividade científica, ou que a experiência precisa pressupor **UM** mundo configurado pela 'análise', pelas normas e padrões de desempenho desejados, que se soma às nossas emoções

OBSERVADOR ABDICA DE SUA CONDIÇÃO DE SUJEITO:

- para se tornar aplicador de ferramentas que, por si só, conferem cientificidade à experiência
- não assume sua habilidade de observador, e
- considera o ambiente uma realidade independente de seu conhecer

ARTIGOS E PESQUISAS:

- repetições de métodos e 'análises' com valor intrínseco e absoluto
- não perguntamos pela origem de nossas habilidades cognitivas
- atuamos como observadores de ALGO PREEXISTENTE À NOSSA DISTINÇÃO

Caminhos a seguir: a objetividade entre parêntesis

Humberto Maturana (2001)

As explicações científicas não fazem referência a realidades independentes do observador

OBSERVADOR:

- sistema vivo dotado de habilidades cognitivas biológicas
- incapaz de distinguir a diferença entre percepção e ilusão
- aceita-se como a própria fonte de toda realidade,
- aceita-se como responsável por todos domínios de realidade/explicações

NENHUMA PROPOSIÇÃO EXPLICATIVA É UMA EXPLICAÇÃO EM SI

EXPLICAR: proposta de reformulação da experiência a ser comunicada de
forma aceitável para o observador / leitor

EMOÇÕES e SENSAÇÕES da experiência no ambiente são indissociáveis do processo de avaliação

OBSERVADOR ATENTO > sujeito e explicador da experiência ambiental

> produz avaliações mais significantes e abrangentes

Observar é Explicar *UMA* Experiência: Humberto Maturana (2001)

CIÊNCIA – REDE DE CONVERSÇÕES QUE OPERA PELO CRITÉRIO DE VALIDAÇÃO DAS EXPLICAÇÕES CIENTÍFICAS
NO EXPLICAR CIENTÍFICO ...

- emoções atuam na especificação do domínio de ações com que geramos nossas perguntas,
- apesar das ALEGAÇÕES DE OBJETIVIDADE E INDEPENDÊNCIA EMOCIONAL
- daqueles que creem na realidade objetiva e independente de suas existências.

O QUE IMPORTA ...

- não é impedir que os desejos, interesses ou preferências distorçam ou interfiram no critério de validação da explicação científica, mas
- assumir responsabilidade pelas ações – como cientistas/seres humanos
- ter consciência das emoções vivenciadas durante a experiência.

Abordagem Experiencial (1)

Rheingantz, Azevedo, Brasileiro, Alcantara, Queiroz (2009)

OBSERVADOR

- se transforma em sujeito ou protagonista de uma experiência produzida no processo de interação com o ambiente e com seus ocupantes, a ser explicada com base na subjetividade
- sua ATENÇÃO ou PERCEPÇÃO CONSCIENTE (Vygotsky) se volta, principalmente, para o entendimento das razões, nuances e significados da experiência vivenciada no cotidiano de um determinado ambiente em uso

OBSERVAÇÃO INCORPORADA

- atividade “ao mesmo tempo processo e produto, instrumento-e-resultado” (Newman; Holzman 2002: 79).
- ao procurar integrar a bagagem sócio-histórica do observador e dos colaboradores, nas observações realizadas no AC,
- ABORDAGEM EXPERIENCIAL MODIFICA O SIGNIFICADO E A COMPREENSÃO DA QUALIDADE DO LUGAR

SUBJETIVIDADE

Cf. Guattari, a subjetividade é o efeito das conexões de uma rede, e é preciso ter cuidado para não confundi-la com “individualidade” (Castro 2008: 49).

Abordagem Experiencial (2)

Rheingantz, Azevedo, Brasileiro, Alcantara, Queiroz (2009)

ABORDAGEM EXPERIENCIAL IMPLICA EM

- VISÃO CRÍTICA SOMATIVA, não dualista; em uma postura aberta e atenta ao ambiente ou “coletivo” (Latour 2001) composto de homens, coisas e técnicas cujo movimento “apaga” as fronteiras entre sujeito e objeto (Pedro 1998);
- aceitar a indissociável e interdependente relação HUMANOS-AMBIENTE (NÃO HUMANOS)
- reconhecer a IMPOSSIBILIDADE DE REPRESENTAÇÃO de um ambiente que é independente e pré-existente e do entendimento de “uma mente lá dentro” observar “um mundo lá fora” (Latour 2001: 338)
- atentar para a inadequação do distanciamento crítico e sua pretensa neutralidade

Observação Incorporada (1)

Rheingantz, Azevedo, Brasileiro, Alcantara, Queiroz (2009)

DESDOBRAMENTO PRÁTICO DA ABORDAGEM EXPERIENCIAL – implica em

- mudança de atitude do observador em relação ao ambiente observado
- lida com os aspectos subjetivos das observações, ao incorporar as emoções e reações dos lugares,
- entendidos como “coletivos” (Latour 2001) configurados pela mistura de homens, ambiente contruído e técnicas,
- cujo movimento “apaga” as fronteiras sujeito-objeto (Pedro 1996) presentes em q experiência vivenciada da realidade
- incorpora a experiência humana aos instrumentos e procedimentos tradicionalmente utilizados em uma APO
- ao assumir uma postura menos distanciada e neutra,
- observador passa a ter consciência da subjetividade das emoções e reações que são vivenciadas com os usuários no ambiente, que também devem ser considerados como sujeitos ou protagonistas da experiência.

“EM LUGAR DE TRÊS PÓLOS – UMA REALIDADE “FORA”, UMA MENTE “DENTRO” E UMA MULTIDÃO
“EMBAIXO” – CHEGAMOS POR FIM A UM SENSO QUE CHAMO DE *COLETIVO*” (LATOUR 2001: 29)

... E DEPOIS ... (1)

ATUAÇÃO (*Enactment*) (re)traduzida para PERFORMANCE

PERFORMANCE (ANNEMARIE MOL 2008): TERMO UTILIZADO PARA

falar da 'realidade' como múltipla e dependente de um conjunto de metáforas de intervenção e performance que,

- em vez de PERSPECTIVA e CONSTRUÇÃO, sugerem que a 'REALIDADE' É MÚLTIPLA, FEITA e PERFORMADA, e
- não apenas observada ou vista por uma diversidade de olhos mantendo-se intocada no centro,
- a REALIDADE É CONTINUAMENTE MANIPULADA por meio de vários instrumentos, no curso de diferentes práticas nas quais as infinitas relações, realidades e representações das realidades não têm status, posição ou existência fora desses processos

PERFORMAR UMA DETERMINADA REALIDADE NOS ESTUDOS CTS E NA ANT (MOL 2008)

- significa que ela é muito mais produzida do que observada:

ELA É MANIPULADA POR MEIO DE VÁRIOS INSTRUMENTOS, NO CURSO DE UMA SÉRIE DE DIFERENTES PRÁTICAS

E DEPOIS ... (2) Donna Haraway (2012) a “REALIDADE” é manipulada por vários instrumentos no curso de diferentes práticas

- pode ser cortada por um bisturi; bombardeada com ultra-sons; pesada em uma balança,
- operada à distância e remotamente, visualizada por dispositivos tecnológicos – de geo-referenciamento, de manipulação gráfica digital e de inclusão da dimensão paramétrica;
- scanners, técnicas de avivar cores, dispositivos e de vigilância, câmeras de filmagem capazes de mapear cidades, regiões, hemisférios na Terra ou em outro lugar do sistema solar

VISÃO RESULTANTE da associação dos olhos humanos com os 'olhos' da ciência [dispositivos tecnológicos de imagem]

- ACABA COM A IDEIA DA VISÃO COMO PASSIVA;
- ESSES ARTIFÍCIOS ... NOS MOSTRAM QUE TODOS OS OLHOS, INCLUÍDOS OS NOSSOS ...,
- são sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver, isto é, modos de vida
- nas explicações científicas de corpos e máquinas não existe fotografia não mediada, ou câmera escura passiva
- existem apenas possibilidades visuais altamente específicas, cada uma com um modo maravilhosamente detalhado, ativo e parcial de organizar mundos

E depois... (3) Knorr-Cetina (2001) Dispositivos Tecnológicos amplificam e requalificam performance sociotécnica dos humanos

- configuram uma grande classe de objetos que rompe com a ideia de objetos como coisas fixas da natureza material
- ... objetos do conhecimento em diversos campos tem exemplificações materiais, mas
- simultaneamente eles precisam ser concebidos como estruturas abertas ou ausentes – como coisas que continuamente 'explodem' e 'mudam' para alguma coisa mais ...
- coisas-para-serem-usadas-simultaneamente e coisas-em-processo-de-transformação

COMPUTADORES E SOFTWARES SÃO EXEMPLOS TÍPICOS

- aparecem no mercado em contínua transformação 'updates' e 'versões'. ... são objetos ao mesmo tempo presentes (prontos-para-serem-usados) e ausentes (sujeitos a futuras pesquisas)
- AINDA SÃO O MESMO E NÃO SÃO O MESMO
- tem uma estrutura dual que desenha um forte contraste entre instrumentos e objetos do conhecimento

TECNOLOGIAS PRECISAM SER INCLUÍDAS NA CATEGORIA DOS OBJETOS ABERTOS

- para que esses dispositivos existam é preciso assumir que a moralidade e as ontologias políticas não se inscrevem apenas nos corpos e mentes humanas, mas também nas *coisas* ou objetos não-humanos

E depois ... (4) John Law, Annemarie Mol (2000) Espacialidades Múltiplas ... e 'Universalidade' da Ciência

Ao se perguntar *se a ciência não é 'universal', onde ela se localiza?* argumentam que

- as descobertas e teorias científicas são produzidas em lugares específicos
- os movimentos dos fatos, teorias e matérias-primas da ciência
- têm a ver com os Correios, com transporte e com a qualidade das redes de dados
- o que não significa que sua difusão se resuma a um problema de transporte físico
- ou que eles precisam ser tratados como *fatos* quando chegam a seus destinos
- que eles precisam ser reconhecidos e estar equipados nos seus contextos: os próximos laboratórios,
- o que significa que a *configuração dos fatos-e-contextos deve ser mantida estável*

Rheingantz, Pedro, Angotti, Sbarra e Guerra (2019):

- exploram as espacialidades euclidiana, das redes, fluida e do fogo (Law; Mol 2000) e outras duas:
AMBIÊNCIA e PAISAGEM SONORA

Costa (2019):

- explora outras espacialidades como parâmetros de performance em projeto de edifício de pesquisa da Fiocruz

E depois ... (5)

PesquisarCOM, EscreverCOM, ObservarCOM, ProjetarCOM, ...

PesquisarCOM (MORAES, BERNARDES, 2014: 8)

- modo de pesquisar que se faz COM O OUTRO e NÃO SOBRE O OUTRO,
- articulado c/as perguntas que formulamos em parceria com quem pesquisamos
- modo de conhecer situado e engajado, que demanda compromisso com uma escrita, também situada, localizada.

UMA ESCRITA QUE NÃO OCULTA AS SUAS MARCAS, MAS QUE PREZA POR AFIRMÁ-LAS

EscreverCOM (SILVEIRA, PALOMBINI & MORAES, 2014)

- modalidade de política de pesquisar onde os textos assumem uma centralidade a partir do *Outro* com quem pesquisamos
- um dos planos em que se exerce o pesquisarCOM os outros,
- ativando tanto pesquisadores quanto pesquisados na produção do conhecimento
- texto como laboratório que se tece pelo escreverCOM traz o mundo da vida para a escrita, com sua polifonia, sua multiplicidade e suas conexões diversas.
- em suas narrativas os(as) autores(as) nos permitem pesquisar juntoCOM eles(as) e com aquelesCOM quem pesquisam

E depois ... (6)

Abordagem Experiencial + ANT + CTS = AE+

OBSERVADOR

- *interface que aprende* a ser afetada por diferenças que emergem de articulações (Latour 2008),
- sua atenção se volta para cultivar a descrição e registrar sem filtrar o fluxo das controvérsias,
- seus relatos devem seguir os *movimentosCOM* outros actantes e tecer uma rede que vai se desdobrando em múltiplas 'realidades'
- registra os efeitos que se produzem nas suas relações em UM mundo habitado por pessoas, objetos, ambientes/lugares/paisagens
- entende que o mundo e as pessoas especificam-se mutuamente e performam *açõesCOM (incorporadas)*
- age como *protagonistaCOM* as múltiplas associações que se produzem nas dinâmicas a serem explicadas em sua subjetividade – efeito das conexões de uma rede e não deve ser confundida com "individualidade"
- performa traduções locais e imperfeitas, que não são 'certas', 'erradas', 'indiscutíveis' ou 'estáveis'
- reúne, sem hierarquizar, múltiplos relatos e as controvérsias que neles e por eles se produzemCOM os outros

E depois ... (7)

Abordagem Experiencial + ANT + CTS = AE+

Versão provisória [e pessoal] à luz dos pressupostos dos CTS e da ANT

AE+ produz um mundo que, por ser incompleto, deve ser entendido como algo que performa continuamente traduções locais, situadas e imperfeitas, que não são 'certas', 'erradas' ou 'indiscutíveis'. Seus relatos buscam seguir os movimentos e registrar os efeitos que se produzem nas relações envolvendo pessoas, objetos e ambientes que se especificam mutuamente e performam *ações incorporadas*. Sua associação com a ANT, transforma o observador em uma *interface que aprende a ser afetada* pelas diferenças que emergem de articulações que não costumavam ser registradas. E o observador passa a atuar como *co-protagonista* das múltiplas associações que se produzem nas dinâmicas a serem explicadas em sua subjetividade".



... e *DEPOIS* ?!?!?!?!?!?!?! ...

... para que as pedras, paus e bolas da caixa voltem a conviver com os caranguejos, com as pessoas e com os problemas sobre o belo, ...

... PRECISAMOS TIRÁ-LAS DA CAIXA ...

MUITO OBRIGADO!